

PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR: UM ESTUDO DO DIÁRIO DA DILMA

Jorge Luis Queiroz Carvalho (UFC)
jorgecarvalho15@hotmail.com

Francisco Vieira da Silva (UFPB)
franciscovieirariacho@hotmail.com

1. Introdução

Os estudos desenvolvidos no âmbito da Linguística Textual, principalmente aqueles que recobrem o fenômeno da referenciação, têm apontado amiúde que a ação de retomar e recategorizar objetos na produção de sentidos nos domínios de um texto constitui-se numa atividade discursiva (KOCH, 2005; KOCH & ELIAS, 2013; MONDADA & DUBOIS, 2003, dentre outros). Nesse sentido, as formas através das quais o sujeito produtor de um texto tece relações entre os elementos linguísticos presentes na materialidade textual estão ancoradas nos objetivos pretendidos, num querer-dizer. Tem-se, assim, a permanente instauração de objetos de discurso, os quais demandam, por parte do interlocutor, a mobilização de conhecimentos socialmente partilhados, a fim de que possa compreender os sentidos do texto. Noutras palavras, os objetos de discurso não são dados *a priori*, senão construídos na interação, no caráter processual que a delinea.

Levando em consideração essas afirmações iniciais, estabelecemos como objetivo para esse texto analisar os processos referenciais em textos humorísticos. Procuramos, de maneira específica, identificar como a introdução de diferentes objetos de discurso e suas recategorizações atuam como ferramentas que produzem efeitos cômicos típicos desses textos. Nossa análise segue uma abordagem qualitativa de base interpretativista e toma como base teórica os postulados teóricos de autores como Mondada e Dubois (1995), Koch (2005), Koch e Elias (2013) e Cavalcante (2013).

Para tanto, escolhemos um *corpus* formado por cinco excertos de textos publicados no *Diário da Dilma*, da Revista *Piauí*, no período de janeiro a maio de 2014. Justificamos a relevância desse estudo na medida em que observamos que os objetos de discurso construídos nos textos são recategorizados de maneira inesperada, provocando uma quebra de expectativas que instaura o humor, tendo em vista os efeitos de sentidos que decorrem desse processo, pois a referenciação, conforme afirmamos, consiste numa atividade discursiva na qual o sujeito produtor do texto empreende determinadas escolhas na (re)construção de objetos de discurso. No caso do *Diário da Dilma*, a (re)categorização dos objetos de discurso está intimamente relacionada ao tom satírico que o texto acarreta. Por essa razão, consideramos que uma investigação desses fenômenos linguísticos em textos satíricos pode colaborar para uma maior compreensão acerca da construção do sentido humorístico.

O presente trabalho encontra-se estruturado do seguinte modo: na seção a seguir, discutiremos os postulados teóricos em torno da referenciação, atentando, inclusive, para as questões que se referem aos objetivos do gênero, no caso a paródia de um diário; posteriormente, tratamos de analisar o corpus, com vistas a cumprir com o

escopo estabelecido. Na seção final, arrolamos algumas considerações em torno das peculiaridades advindas da análise realizada.

2. Considerações teóricas em torno da referenciação

É fato irrefutável que a língua nos fornece meios para se referir às coisas do mundo e, do mesmo modo, não é arriscado asseverar que essa função da linguagem tem sido estudada por diferentes pesquisadores e quadros teóricos. Diante dos diversos olhares já lançados sobre o fenômeno da referenciação, um retorno aos postulados mais gerais acerca dessa problemática se faz necessário para que possamos delimitar quais as perspectivas que nortearão nosso trabalho. Neste artigo, guiaremos-nos pelas concepções desenvolvidas no âmbito da Linguística Textual, que tem produzido reflexões profícuas acerca dos chamados *processos referenciais*.¹

A princípio, precisamos deixar claro que, em consonância com o que tem sido aceito nas proposições dos estudiosos dessa temática, compreendemos a referenciação como um processo relacionado a práticas discursivas e sociais. Nessa perspectiva, deixamos de lado uma concepção que parte da noção de referência enquanto modo de se referir ao mundo de maneira objetiva. A referenciação é aqui concebida como uma atividade advinda de práticas simbólicas que dizem respeito à relação entre o texto e seu exterior, isto é, a parte não-linguística em que ele é produzido e interpretado (MONDADA & DUBOIS, 2003). Portanto, entendemos, na esteira de Koch e Elias (2013), que a referenciação é uma atividade discursiva na qual um sujeito opera escolhas de acordo com sua proposta de sentido.

Numa posição semelhante, Cavalcante (2013) nos diz que o processo de referenciação envolve a construção de referentes (ou objetos de discurso) e pode ser caracterizado, *grosso modo*, a partir de três características. Dessa forma, podemos falar de referenciação enquanto uma *atividade discursiva de elaboração da realidade* na qual os referentes são compreendidos como representações discursivas construídas textualmente. Essa concepção mostra que os referentes não representam, necessariamente, eventos ou experiências reais, mas apresentam uma reelaboração desses eventos ou experiências para atingir determinados propósitos comunicativos. Nesse caso, a referenciação constrói uma representação simbólica, do mundo e não uma representação real e objetiva desse mundo. Tem-se, nos termos de Koch (2005), um processo de (re)construção do próprio real.

Essa característica parte do pressuposto de que o mundo real não é estável e, igualmente, as formas de se referir aos fatos desse mundo também não o são, pois se configuram num constante processo de elaboração e reelaboração. Nesse sentido, é possível que um mesmo referente se relacione com representações discursivas distintas em um mesmo texto ou em textos diferentes. No que concerne às modificações das representações discursivas do mesmo objeto de discurso em um texto, entendemos que os referentes podem ser reelaborados, ou recategorizados, de diferentes maneiras, durante o curso da progressão textual e a depender dos propósitos comunicativos.

Outra característica apresentada por Cavalcante (2013) leva-nos a pensar que a referenciação pressupõe *uma negociação entre locutores*. Essa característica permite-nos compreender que o processo de elaboração da realidade não é totalmente subjetivo, ou seja, um indivíduo não pode criar uma elaboração da realidade de maneira unilateral.

¹ A concepção de referenciação, erigida no âmbito da Linguística Textual, tem passado por constantes (re)configurações, de modo a acolher a diversidade de textos produzidos numa sociedade marcada pela heterogeneidade das semioses. Para aprofundar essa discussão, ver o texto de Ramos (2012), no qual o autor analisa textos imagéticos a partir do arcabouço teórico da Linguística Textual.

A realidade é representada discursivamente a partir de uma troca entre os locutores, ou seja, ela é “resultante de *uma negociação entre os participantes*. Em vez de ser um processo subjetivo, trata-se de *um processo negociado, cooperativo, intersubjetivo*” (CAVALCANTE, 2013, p. 110, grifos da autora).

Além dessas características, a referenciação também é entendida como um *trabalho sociocognitivo*, uma vez que esse fenômeno demanda um esforço cognitivo na medida em que “a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem” (CAVALCANTE, 2013, p. 112). Do mesmo modo, os aspectos sociais também são importantes, na medida em que nossas experiências sociais e nosso conhecimento de mundo exercem influência no processo de construção dos referentes. Acreditamos que essas três particularidades da referenciação estão inter-relacionadas, pois, ao concebermos a referenciação como uma atividade discursiva de elaboração da realidade que se institui a partir de uma negociação entre locutores, observamos que essas duas características são possibilidades por esse trabalho sociocognitivo dos sujeitos.

Uma maneira de sintetizar essas peculiaridades da referenciação está em Mondada e Dubois (2003), para quem os objetos de discurso, através dos quais os sujeitos compreendem o mundo são instáveis, dependem de operações cognitivas e em negociações de interação. Para essas autoras, compreender o mundo pelo processo de referenciação não é uma operação objetiva, pois os objetos de discurso não são preexistentes, mas são elaborados nas atividades dos sujeitos.

No que tange a sua materialização linguística, a referenciação envolve uma série de estratégias que dizem respeito à introdução, retomada e desfocalização dos objetos de discurso. Koch e Elias (2013) apresentam dois tipos de processos de introdução de referentes, a saber: a *ativação não-ancorada*, quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto, e a *ativação ancorada*, quando um objeto de discurso é introduzido no texto com base no contexto sociocognitivo ou no cotexto. Cavalcante (2013) nos mostra que a ativação não-ancorada não pressupõe a existência de referentes anteriores que possam dar suporte a esse novo referente, portanto, trata-se de uma introdução referencial pura.

Já no que diz respeito à ativação ancorada, Koch e Elias (2013) apontam dois mecanismos linguísticos que podem atuar nesse processo: a anáfora indireta e anáfora associativa. A anáfora indireta acontece quando o elemento introduzido está ancorado no contexto. Nesse caso, a anáfora indireta não pressupõe um referente já marcado na materialidade textual, mas uma âncora que pode ser inferida através do contexto e/ou do trabalho sociocognitivo (CAVALCANTE, 2013). Nesse tipo de anáfora, conforme defende Marcuschi (2005), não ocorre uma retomada de referentes, mas sim uma ativação de novos referentes, os quais se amparam em algum elemento do cotexto. Para que o interlocutor possa efetivamente compreender os efeitos de sentido que emergem dessa construção anafórica, é preciso partilhar de um certo saber enciclopédico e de um conhecimento de mundo, os quais permitem a (re)construção dos objetos de discurso (CAVALCANTE, 2013). A anáfora associativa, por sua vez, pressupõe uma estratégia na qual o novo referente é introduzido por meio de relações meronímicas, isto é, quando o referente introduzido apresenta uma relação semântica com outro referente já ancorado.

Além das anáforas direta e associativa, Koch e Elias (2013) apresentam as nominalizações, como exemplo de introdução ancorada de objetos de discurso. As nominalizações também são chamadas de rotulação ou de anáfora encapsuladora (CAVALCANTE, 2013). Através dessa estratégia, o referente novo é introduzido a partir da sumarização de informações apresentadas na materialidade textual.

Observamos que a rotulação, embora seja caracterizada por Koch e Elias (2013) como uma estratégia de introdução de referentes, também se relaciona a operação de retomada de referentes que já foram textualmente ancorados.

Em outras palavras, a operação de retomada, diferente da introdução, diz respeito à retomada de um objeto de discurso que já foi ancorado através de diferentes recursos como os já mencionados acima. Koch e Elias (2013) afirmam que a manutenção do referente pode mobilizar recursos gramaticais como “pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos” e recursos lexicais tais quais “itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais” (KOCH & ELIAS, 2013, p. 131).

A estratégia de retomar referentes, entre outras funções, contribui para a progressão textual e a permanência do foco em determinado objeto de discurso que pode ser retomado de diferentes formas. No entanto, esse processo pode ser inverso, ou seja, há a desfocalização de um objeto de discurso para introdução de outro. Nesse caso, o referente que está em destaque acaba perdendo o seu foco para outro referente que é introduzido e passa a ocupar o que Koch e Elias (2013) chamam de *posição focal*. Dessa maneira, percebemos o quanto o processo de referenciação é cíclico, pois um objeto de discurso que ocupa a posição focal pode ser substituído por outro através de uma nova introdução referencial, de modo a manter a continuidade tópica e discursiva do texto.

Na análise dos dados apresentada na seção a seguir, propomos uma exemplificação mais pormenorizada de como os processos referenciais atuam na construção de sentidos do texto humorístico.

3. Análise dos dados

Apresentamos abaixo uma proposta de análise dos processos referenciais a partir da análise de duas estratégias apontadas por Koch e Elias (2013): a introdução referencial e a retomada de referentes. Os textos apresentados pretendem demonstrar como esses dois fenômenos se processam de modo a analisar como a introdução de diferentes objetos de discurso e suas recategorizações atuam na produção de sentidos nos textos humorísticos estudados.

3.1 Introdução referencial

Muitas vezes, no processo de referenciação, um novo objeto de discurso é introduzido com base em algum tipo de associação de elementos presentes no cotexto ou do contexto sociocognitivo, isto é, trata-se de uma ativação ancorada, pois o interlocutor necessita realizar um movimento de retomada, a fim de compreender os sentidos que emergem dessas estratégias de referenciação (KOCH & ELIAS, 2013). Dentre tais estratégias, destacam-se as *anáforas indiretas*, que, conforme já afirmamos, caracterizam-se pelo fato de não possuírem um elemento explícito antecedente, mas uma construção que ancora a referenciação, do ponto de vista do sentido, de modo a contribuir com a progressão referencial e tópica do texto.

Nos excertos do *Diário da Dilma*, a utilização da anáfora indireta pelo sujeito produtor do texto, ao mesmo tempo em que (re)categoriza determinados objetos de discurso, contribui sensivelmente para a constituição do humor do texto, pautado de maneira incisiva pela imagem da presidenta construída pelo *pseudodiário*. Nesse intento, vejamos os excertos a seguir:

- (1) 4 DE JULHO_Brasil e Colômbia daqui a pouco, ninguém quer saber do batente. Pra mim **esse jogo** não tem a menor graça. **Felipão** pode escalar quem quiser: **Paulinho, Fernandinho, Neymarzinho**: ninguém supre a ausência do Luiz Gustavo. **Aquele bigodinho** bate um bolão. Achei muito injusto o cartão amarelo contra o Chile (PIAÚÍ, ed.95, grifo nosso²).
- (2) 24 DE JUNHO_Pedi para o Mercadante agendar uma reunião urgentíssima com a seleção da Itália. De preferência, à luz de velas. *Champagne per brindare a un incontro/con te che già eri di un'altro*. **Eles** não podem sair da Copa dessa maneira. Pelo **Buffon** eu até esqueço o Lobão. (PIAÚÍ, ed.94).

Nos excertos anteriormente expressos, a ativação dos referentes ancora-se não num termo explícito que poderia ser retomado, mas numa âncora, isto é, uma expressão ou contexto semântico decisivos para a interpretação desse tipo de anáfora (MARCUSCHI, 2005). Dessa forma, em (1), para que o interlocutor possa compreender a introdução do objeto de discurso *esse jogo*, é necessário mobilizar estratégias cognitivas amparadas em conhecimentos de mundo e enciclopédicos, os quais são ativados através da expressão *Brasil e Colômbia daqui há pouco*. A referência aos dois países ao lado de uma expressão que denota temporalidade indica um duelo, um confronto entre ambas as nações. Além disso, a porção textual *ninguém quer sair pro batente* permite a inferência de que todos querem assistir ao referido duelo. Se considerarmos toda a relação passional e singular do torcedor brasileiro pelo futebol, é possível concluir que se trata desse esporte, antes mesmo do referente *esse jogo* aparecer. Outro conhecimento de mundo que ancora a anáfora indireta em foco diz respeito ao período em que o texto foi escrito, em meados de julho de 2013, período em que o Brasil sediava a Copa do Mundo de Futebol; ademais, a própria dimensão desse evento justifica o *pitaco* da presidenta. Todos esses *frames* precisam ser mobilizados para que o interlocutor entenda a utilização da anáfora indireta e os sentidos que dela decorrem.

De modo análogo, a introdução do objeto de discurso *Felipão* como se fosse conhecido está pautada no modelo cognitivo que embasa essa estratégia de referenciação. Assim, é preciso que o interlocutor saiba que, na Copa de 2014, o técnico da seleção brasileira de futebol era Luís Felipe Scolari (Felipão), que, dentre outras funções, escala os jogadores que entrarão em campo. Nesse sentido, o item *esse jogo* constitui uma âncora com a qual a anáfora indireta Felipão relaciona-se. Além disso, a introdução desse referente evoca novos objetos de discurso, como *Paulinho, Fernandinho e Neymarzinho*. Esses três objetos de discurso derivam do referente Felipão, que, no mundo da experiência, seria responsável por uma possível escalação dos jogadores mencionados. A associação entre técnico e escalação desses jogadores faz materializar uma anáfora associativa na qual os três referentes foram introduzidos a partir da associação entre o referente Felipão, e o contexto, que mostra que esse objeto de discurso se referia ao técnico da seleção brasileira.

Cabe ressaltar, ainda, que o referente Neymarzinho é introduzido em um tom que alude a uma suposta relação carinhosa entre a *Dilma* construída no diário *fake* e o jogador de futebol Neymar. Consideramos que essa é uma estratégia mobilizada para contribuir com a veia cômica do texto. Observando as marcas textuais, destacamos que

² Todos os grifos em negrito nos excertos analisados foram destacados por nós como forma de ressaltar as estratégias de referenciação.

há um paralelismo entre os referentes anteriormente mencionados (Paulinho e Fernandinho) e o referente Neymarzinho, uma vez que todos estão no diminutivo. Já através de uma operação de contextualização, recuperamos as informações de que o jogador Neymar foi considerado um jogador de grande importância para a seleção brasileira de futebol na COPA de 2014, por sua conhecida capacidade física e estratégica. Em posse desse conhecimento, podemos interpretar que a presidenta Dilma, interessada na vitória do Brasil no campeonato, busca uma aproximação com o jogador na medida ele poderia ser um dos responsáveis pela vitória almejada.

Ainda sobre o primeiro excerto, convém frisar a utilização do termo *Aquele bigodinho*, cuja ancoragem é o nome do jogador anteriormente expresso. Tem-se, nesse caso, uma ativação de um novo referente, constituído através de uma particularidade (o bigode) de um sujeito específico (o jogador Luís Gustavo). A escolha dessa anáfora está articulada às especificidades de um querer dizer do texto humorístico, haja vista o fato de a presidenta lamentar a ausência do “bigodinho”, o que parece constituir uma espécie de fetiche no imaginário feminino. Endossando essa ideia, destacamos que o sujeito produtor do texto trata-se de uma mulher e, com vistas a corroborar o tom satírico do diário, escolhe justamente essa parte do corpo para se referir metonimicamente ao jogador, prescindindo de destacar as habilidades táticas desse atleta. Não é antecipado afirmar que essas estratégias referenciais coadunam-se com o objetivo do texto, qual seja: satirizar a imagem sisuda típicas das autoridades, no caso, da presidenta Dilma, por meio do humor.

Em (02), o termo *eles* assume um valor de uma anáfora indireta, na medida em que, embora não haja um antecedente pontualizado (MARCUSHI, 2005), subsiste um modelo cognitivo que nos permite ancorar esse termo, remontando à seleção da Itália. Assim, a anáfora (re)ativa o objeto de discurso jogadores da seleção italiana. Conforme insinua os termos antecedentes (a luz de velas) e um trecho de uma canção italiana de feições românticas, é possível antever que a reunião de que fala a presidenta parece servir a outros propósitos. Essa constatação reitera-se a partir da introdução do objeto de discurso *Buffon*, como se já estivesse sido mencionado. Para tanto, é necessário saber que se trata do goleiro da Itália, sobre o qual a presidenta lança olhares indiscretos, fazendo-a esquecer das atribuições profissionais, representadas através da menção à Lobão (Edison Lobão), ministro de Minas e Energia.

3.2. Descrições nominais como estratégia de retomada de referentes

O emprego de uma descrição nominal, com função de (re)categorização de referentes está atrelado a uma escolha que o produtor do texto empreende, segundo a proposta de sentido do texto (KOCH, 2005). Ao fazer certas escolhas, o produtor do texto deixa transparecer determinadas crenças, conhecimentos de mundo e juízos de valor. No caso do *Diário da Dilma*, faz-se necessário investigar como essas escolhas lexicais são determinadas na constituição do humor. Para tanto, examinemos os excertos a seguir.

(3) 7 DE JUNHO_E precisava chover agora no Paraná? **Aquele estado sem graça**, que não cheira nem fede, agora resolveu me dar dor de cabeça. Primeiro, o estádio que não ficava pronto, agora, **essa inundação**. Vou mandar umas fotos jeitosas de Maringá e Cornélio Procópio para o Putin. Quem sabe ele não anexa? (PIAUI, ed.94).

(4) 24 DE MAIO_Era o que me faltava! Jogador de futebol dando palpite na Copa. Subi nas tamancas com o Ronaldo. **Aquele fenômeno adiposo** podia calar a boca e se preocupar só com a forma. Está um monstro! A sorte é que apareceu o ministro do Turismo para me defender. Nem sabia o nome dele. Já pedi mil vezes para o Gilbertinho me atualizar dessas mudanças. Vinícius o que mesmo? Vou exigir crachá para todo mundo. (PIAUÍ, ed.93).

(5) 24 DE MARÇO_Vou ter que conversar com a Gracinha. Pô, o que ela está fazendo na Petrobras? Todo dia pinta um pepino para eu descascar. Tenho mais o que fazer. Por mim, a gente fazia uma concessão para passar **essa bagaça** para alguém que entenda do assunto. Se desse encrenca com a opinião pública, bastava repetir o mantra: “Concessão não é privatização.” (PIAUÍ, ed.91).

Nos três excertos explicitados, a descrição nominal recategoriza determinados objetos de discurso e imprime certos sentidos em função de um querer dizer. Nessa medida, em (3), a presidenta retoma o objeto de discurso *Paraná* com a expressão *aquele estado sem graça*. Ao fazê-lo, ela constrói esse objeto como sendo um lugar de pouca importância para o país. Daí o estranhamento que essa retomada causa, pois uma dirigente jamais poderia ser referir de tal forma a um dos estados que governa, uma vez que atinge diretamente as pessoas que lá residem. A aversão da presidenta *fake* a tal lugar refere-se justamente à premência em conservar uma boa imagem para o país no período da Copa, tendo em vista que, além dos problemas enfrentados com o atraso na construção de estádios, a mídia nacional ou internacional poderia noticiar a inundação ocorrida no Paraná e prejudicar a imagem do País diante do problema ambiental que afetou a infraestrutura do estado. Neste excerto, a presidenta encapsula todo o período chuvoso que atingiram o referido estado e os problemas dele decorrentes com a descrição nominal *essa inundação*.

Na perspectiva defendida por Koch (2005), os encapsulamentos não só rotulam uma parte do cotexto que os precede, mas ao fazê-lo, criam um novo referente textual, a ser tratado de modo mais específico no texto. A nosso ver, o encapsulamento *essa inundação* preside a continuidade tópica do texto, uma vez que, a partir dessa avaliação da presidenta, ela cogita a hipótese de anexar o território paranaense à responsabilidade do presidente da Rússia, Vladimir Putin, numa analogia aos conflitos desencadeados em regiões da Ucrânia, as quais foram anexadas ao território russo, sob a batuta de Putin, não prescindindo de lançar mão da força armada. Nesse sentido, a referência à Putin e a ideia de que ele poderia anexar o estado do Paraná à Federação Rússia gera um efeito cômico de sentido na medida em que dá a entender que o presidente russo poderia anexar qualquer território aparentemente devastado e de que, assim, o estado do Paraná não mais pertenceria ao Brasil e afugentaria as críticas à infraestrutura do país.

Essas informações socialmente compartilhadas e discursivamente (re)construídas assumem uma função essencial na atribuição de sentido para o texto e na construção de um humor sarcástico e corrosivo. As estratégias de referenciação, por sua vez, ancoram-se nestas contingências históricas e contextuais (KOCH, 2005), o que corrobora o fato de os processos referenciais serem uma atividade discursiva por natureza.

Em (04), a descrição nominal *aquele fenômeno adiposo* recategoriza o objeto de discurso Ronaldo, anteriormente mencionado. O humor reside justamente na escolha dessa descrição, que não ocorre de maneira fortuita. Nesse sentido, é necessário

relembrar que sobre o ex-jogador de futebol Ronaldo sempre circulou uma série de discursos em torno de sua forma física, antes mesmo dele se aposentar dos gramados. Mais recentemente, o ex-jogador participou de um famoso quadro do programa *O Fantástico*, no qual os competidores deveriam perder peso, a fim de ganhar um prêmio em dinheiro. Essa midiaticização acentuou ainda mais um olhar vigilante sobre o corpo de Ronaldo, daí a recategorização empreendida por Dilma, na intenção de desqualificar a figura do ex-jogador, já que este teria afirmado, numa entrevista, que se sentia envergonhado com o modo como o Brasil estava organizando a copa, poucos dias antes do início do torneio. A referida descrição nominal ancorará outros item que igualmente satirizam Ronaldo, como a expressão *está um monstro*.

Em (05), a descrição nominal *essa bagaça* encapsula o tópico *Petrobrás*, recategorizando-o, conforme um projeto de dizer (KOCH, 2005). Ao retomar o citado tópico com essa descrição nominal, cujos sentidos remetem-nos ao um linguajar chulo, a presidenta demonstra sua impaciência para lidar com os problemas que essa empresa tem causado, em função dos escândalos de corrupção vindos à tona pela mídia, nos últimos meses. Entregar *essa bagaça* a dirigentes que saibam administrá-la parece ser a solução encontrada por Dilma para solucionar as intempéries advindas da Petrobrás, as quais maculam seu governo, principalmente se levamos em consideração que se trata de um ano eleitoral. Mais uma vez, entrevemos as estratégias referenciais não apenas como um recurso que garante a progressão textual, mas também como um mecanismo que agencia os sentidos decorrentes das escolhas linguísticas realizadas, atentando para o caráter satírico pretendido pelo produtor do diário. Nessa lógica, o processo de referenciação, conforme aponta Cavalcante (2013, p.113), “pode ser entendido como um conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelo sujeito à medida que o discurso se desenvolve, [...], a partir da construção compartilhada de objetos de discurso”.

Conclusão

Em nosso trabalho, demos ênfase à observação de dois movimentos essenciais para o processo referencial: a introdução de referentes, que foi analisada a partir da materialização de anáforas diretas ou associativas, e a retomada de referentes através de descrições nominais. Cumpre destacar que nossa análise foi dividida em duas seções por uma questão didática, mas os processos de introdução e retomada não são desvinculados um do outro, uma vez que a retomada é vista como uma tática que auxilia a progressão textual e assegura a continuidade do foco em um objeto de discurso mencionado anteriormente. Conseguimos entender que o sentido do texto pode ser construído a partir de diferentes estratégias que podem ser evocadas a depender das intenções do produtor.

Nossa análise nos conduziu a uma interpretação de que, assim como a estratégia de introdução, a estratégia de retomada está intimamente relacionada à produção do humor. Observamos que, na retomada dos referentes, é comum a ocorrência do processo de recategorização no qual novas representações discursivas são construídas para os objetos de discurso introduzidos. Tendo em vista que o propósito comunicativo reconhecido dos textos desse diário *fake* é gerar humor, notamos que os processos referenciais demandam um conhecimento do gênero e de sua finalidade.

Além de destacarmos como essas estratégias atuam na construção de sentidos, ressaltamos também a importância de se explorar, além das marcas textuais, o contexto social. Nesse sentido, o interlocutor, dotado de diferentes tipos de conhecimento, negocia o sentido do texto e, somente a partir dessa troca o humor consegue ser ativado,

a fim de atingir aos objetivos do texto. Por essa razão, reafirmamos o posicionamento de que a referenciação é um processo complexo que aciona diferentes tipos de conhecimento, constituindo-se, assim, numa atividade essencialmente discursiva e interacional.

Referências

CAVALCANTE, M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, I. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: _____.; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

RAMOS, P. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas, *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.12, n.3, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1221. Acesso em: 15. maio. 2014.